

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTEC

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

O ALCANCE DO «Boletim Social da TEBE»

Por iniciativa do seu Clube Desportivo, a «Tebe», que o mesmo é dizer os seus dirigentes, apoiando esta publicação, mostrou, sem dúvida, um vasto campo de visão, apertando assim cada vez mais os laços dentro da sua própria organização.

O «Boletim Social» é o pão de espírito como complemento indispensável ao pão de cada dia. É como que o fermento a aperfeiçoar uma série de entidades, dentro duma indústria que floresce progressivamente, desde o operário mais humilde ao patrão mais representativo.

Não vejo, por isso, modo de ligação mais adequado, que mais se enquadre e melhor traduza o entendimento doutrinário sempre defendido para que as empresas privadas sejam um exemplo de ordem adentro da máquina do Estado.

E depois o seu Clube Desportivo, génese da ideia que chamou a si uma das modalidades de desporto mais simpáticas, mostra a sua elevação ao tratar em letra de forma dos problemas da alma, para que nada se mercantilize, mantendo assim intangível a beleza do desporto escolhido.

O seu Director, o poeta António Baptista — um novo apaixonado por coisas novas — bem merece a ajuda dos dirigentes e a compreensão dos dirigidos.

— Querer — eis o essencial...

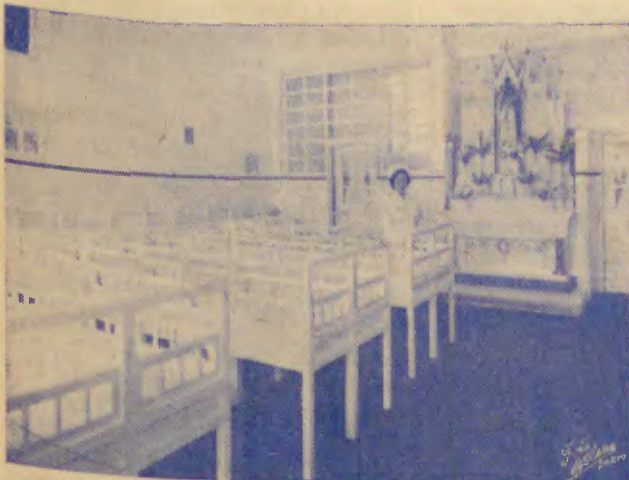
— Querer bem — eis o precioso...

Basta a demonstração da primeira verdade.

Barcelos, Setembro de 1953.

Zenete F. Henriques das Santos

O NOSSO LACTÁRIO



É neste recanto de ambiente alegre e higiénico, que os filhos das nossas operárias passam o dia, vigiados por pessoal competente.

As mães trabalham des-cansadas porque, sabem-nos perto de si, e livres dos

muitos perigos a que, em casa, ficariam expostos. São do maior valor e merecem o maior carinho todas as obras como esta, de tão grande alcance social.

O operário aprendiz perante o encarregado

Por R. J.

UM dos maiores problemas para o operário, quando aprendiz, e nos primeiros tempos do seu contacto com a vida da fábrica, é a maneira, para ele difficilima, de tratar o encarregado da secção onde foi colocado, no amanho sagrado do pão de cada dia. É a sua dificuldade, umas vezes justificada, infelizmente, mas outras tantas injustificada, provém a maior parte das vezes do que lhe é dito por alguns dos seus colegas de trabalho nos primeiros dias de convivência, quando não o é mesmo antes de ele entrar para o serviço. Isto é, as «recomendações» que aqueles lhe fazem, e que dizem e supõem ser para seu bem, redundam quase sempre em prejuizo do operário aprendiz. É que, se os encarregados, e alguns há deste género, não sabem ou não querem captar as simpatias do seu novo subordinado,

mais renitentes e antipáticos se tornam quando sentem que o aprendiz o olha como um inimigo declarado. E o resultado de tudo isto são as recriminações por tudo e por nada, o desinteresse que manifestam pelo aprendiz que, ao fim e ao cabo, começa também a desinteressar-se pelo trabalho, perdendo o gosto pela aprendizagem do seu officio, que passa a encarar com desdém, tor-

(Continua na página 2)

Campanha contra o

Analfabetismo

PORTUGAL acaba de escrever uma das mais belas páginas do seu ressurgimento e acaba também de dar um passo gigante para se enfileirar ao lado dos países em que há o mínimo de analfabetos.

Foi um gesto brusco, decidido, quase brutal; mas só assim foi possível sacudir o País de Norte a Sul para um trabalho de necessidade urgente.

Era incrível o número de analfabetos, uns por desmazelo; outros por falta de compreensão do valor da cultura. A muitos se exigiram sacrificios duros, pois tiveram de perder horas tão necessárias agora e, noutros tempos, tão inútilmente desperdiçadas.

Em crianças brincaram pelas ruas, ou deixaram passar as horas preguiçosamente sentadas num banco da escola,

Persos Ignotus

Aos meus companheiros de todas as latitudes

Como tudo se esvai na sombra dos meus sonhos!
Como tudo evapora!

Ai!... Tudo que é feliz...

A ave que é liberta e a raça dum país
sucumbem, lado a lado, em frêmitos medonhos...

Como tudo nos cansa... até mesmo a riqueza,
a maldade e o ódio, a crença e a descrença...

surgimos já injustos, talvez desde nascença
e nada nos fará perder esta dureza...

Somos assim?... Sei lá! Mas somos tão injustos,
que vemos na justiça maldade marchetada,

em riscos tão escuros, que pode ser comprada
com ouro, mesmo vil.

Vida!

Pobre clarão na noite da existência!

Vaidade!

Só tu és a força da ventura...

O resto... a verdade... ai! Essa pouca dura,
sucumbe anavalhada em gritos de falência.

António Baptista

sem qualquer intenção de alguma coisa aprender. Foram realmente compensadores os resultados obtidos este ano e o País inteiro mostrou compreender o alcance de tal medida. Não está ainda tudo feito é certo; mas parece-nos que o mais difícil está passado...

Ser instruído não é apenas saber ler; mas sim ter interesse em conhecer coisas novas, ter gosto em saber o que vai pelo mundo e querer conhecer o resto da humanidade com a imensa variedade de costumes, de crenças, de artes, de indústrias características, etc.

Nem a todos pode ser dada a facilidade de viajar e observar o que o se passa nas outras terras; mas sabendo-se ler, o mundo não mais terá segredos para nós.

Tendes ao vosso alcance, por pouco dinheiro, dezenas de livros, de revistas, de jornais, e tendes também ao vosso dispor horas livres para vos irdes instruindo. Acreditai que a boa leitura é um prazer; mas tam-

bém que a má leitura é um veneno. É preciso saber-se o que se lê, principalmente na idade em que o espírito está ainda em formação. Os bons livros diz-se, são os melhores amigos, porque com eles se passa o tempo agradavelmente e deles se recebem conselhos e ensinamentos.

Portugal precisa de homens e mulheres instruídos, pois serão operários e artistas mais conscientes da responsabilidade do seu trabalho.

Na nossa fábrica podemos orgulhar-nos de não haver analfabetos, pois era condição já exigida na admissão do pessoal. Porém, muitas operárias, fizeram este ano o seu exame de instrução primária elementar e com óptimos resultados. A Empresa trabalhou com o maior interesse na criação dos cursos, que facilitou, de todos os modos, não se poupando a sacrifícios e despesas.

O Pessoal da TEBE deve sentir-se agradecido.

Tribuna dos de dentro

CANTINHO DO ADRIANO FARIA

A figura do mês: ANTÓNIO BAPTISTA

Ao iniciar a minha colaboração neste «Boletim» que leva, de trabalhadores para trabalhadores, um pouco de instrução e moral, não podia deixar de focar, neste cantinho, o seu director A. Baptista, rapaz novo, alto, esguio; mas casado, com filhos e alguns cabelos brancos, que tem sobre os seus ombros a responsabilidade da

caixa da Empresa. De manhã à noite, concentrado, lá o vemos sentado na sua secretária, a trabalhar... a trabalhar muito. Durante o mês não lhe faltam preocupações e cansaças... É a caixa, são as folhas de salários e os assuntos complexos e vastos da previdência, o Desemprego, Sindicatos, Abonos de Família, etc., etc.

Chegada a quinta-feira, véspera dos pagamentos de salários, toda a sua secretária é um monte de verbetes, papéis e mais papéis, dispostos por ordem, alinhados, conferidos, para no dia seguinte, juntamente com o dinheiro dos salários, enchem de pão os lares de centenas de operários... É assim a vida deste nosso leal compa-

(Continua na página 3)

Abono de Família

(Continuação da página 1)

o exija um suplemento ao meu primeiro volume».

Ao Ex.^{mo} Snr. Dr. Mário Norton endereçamos as nossas melhores saudações a oxalá que continue a dar-nos trabalhos desta grandeza.

A. B.

Banco Pinto & Sotto Mayor

SEDE EM LISBOA

FILIAL EM BARCELOS

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Operário aprendiz perante o encarregado

(CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

nando-se assim vítima inocente dum mau serviço prestado pelos seus colegas com as tais «recomendações».

É de toda a conveniência, pois, que todo o operário aprendiz nunca se deixe guiar ou influenciar pelo que lhe dizem os seus colegas de trabalho, ou os que o hão-de vir a ser, mas aguardem pacientemente que o seu encarregado comece a sentir por ele algum interesse, para o que tem de mostrar-se pontual nos seus horários, atento ao serviço, submisso às ordens que recebe, e demonstrando vontade de aprender. Se a todos estes predicados juntar o da boa educação e boa conduta fora da fábrica ou oficina, o que tem também muita influência, verificará em breve que o seu superior o tratará também com todo o carinho, interesse e respeito, como convém, e procurará ministrar-lhe os ensinamentos necessários para o bom desempenho do seu lugar. Tornar-se-á um seu amigo, saberá compreender os seus anseios, e

ajudá-lo-á a suportar com paciência o trabalho, quantas vezes árduo para a sua pouca idade.

E, assim, as horas, para este aprendiz, não contarão, e sem que disso se aperceba o fim do trabalho chegará e ele aguardará ansiosamente que novo dia desponte para se entregar alegremente ao seu novo ofício, instruindo-se cada vez mais a fim de se tornar o mais depressa possível num verdadeiro operário,

côncio das suas obrigações, útil ao patrão para seu proveito.

É de recomendar aos pais ou irmãos mais velhos que, antes do seu filho ou irmão entrar para a fábrica ou oficina, procurem por todos os meios inculcar no seu espírito o respeito que lhe deve merecer o seu encarregado, encarando-o como um novo amigo, e, sobretudo, pô-lo de sobreaviso contra a maledicência de alguns dos seus futuros colegas,

que tão pernicioso pode ser para ele.

Se o aprendiz entrar para o serviço com a consciência tranquila e certo de que o seu encarregado não será para ele um carrasco, mas antes um mestre e amigo, lucrará por dois lados, pois não só se sentirá com disposição para aprendizagem como disporá o encarregado a ministrar-lhe com paciência e bondade os ensinamentos necessários. E, assim, com facilidade galgará todos os degraus até chegar a operário feito. Claro que, mesmo nesta situação, o seu encarregado lhe deve merecer o mesmo respeito e consideração que antes lhe merecia, pois deve-se lembrar que, como anteriormente, necessita ainda dos seus ensinamentos e, além disso, é o seu mais directo superior no serviço.

Há-de acontecer muitas vezes que, apesar de toda a sua boa vontade e confiança no encarregado, e da benevolência deste, o aprendiz não dê o rendimento

Dr. Joaquim Belo

Por iniciativa própria, o que nos agrada registar, o Snr. Dr. JOAQUIM BELO, sócio da TEBE, veio ao nosso encontro testemunhar a sua admiração pelo nosso «Boletim» e Clube, oferecendo-se para sócio bemfeitor, com a quantia mensal de Esc. 50\$00. A este Ex.^{mo} Senhor apresentamos os nossos agradecimentos muito sinceros.

Bem haja pois

A Direcção

Comentários ao nosso Boletim

Do *Jornal de Barcelos* transcrevemos a seguinte crítica, que nos honrou sobremaneira:

Com boa apresentação gráfica recebemos a visita do primeiro número do «Boletim Social da TEBE» de que é director o nosso bom amigo e distinto colaborador Sr. António Baptista.

Trata-se dum jornal que concretiza uma bela iniciativa e que se destina a ser arauto da verdade social transmitida por trabalhadores aos seus irmãos no trabalho.

Este número, a cores, apresenta escolhida e preciosa colaboração e insere uma saudação que gostosamente transcrevemos: «Desta nossa trincheira saudamos a imprensa portuguesa e, desde já, ousamos afirmar que o nosso jornal não é, nem será nunca, o virus da intriga, da ca-

necessário nem mostre progressos na aprendizagem do seu officio. Neste caso não se podem atribuir culpas nem a um nem a outro. Aquele, porque está a ocupar um lugar incompatível com o seu temperamento e com as suas aptidões; ao encarregado, porque não pode de maneira alguma conseguir à força que o aprendiz mostre bons resultados num lugar que não lhe devia ser destinado.

É este também um dos grandes males que se notam na aprendizagem e que leva um grande número a insurgir-se contra o encarregado atribuindo-lhe o fracasso do aprendiz, não querendo ver que nem todos são iguais nem podem ser bons no mesmo officio.

E o mal provém do facto de se pretender conseguir somente um lugar num officio onde o aprendiz possa ganhar algum dinheiro, pouco que seja, para ajudar a suportar as despesas de sua casa. Infelizmente, a miséria é grande e o que se pretende a todo o custo é conseguir qualquer lugar, seja onde for, onde se possa ganhar alguns escudos por magros que sejam.

Se assim não fosse, se o aprendiz fosse iniciado na escolha do seu officio, as coisas correriam de outro modo, passar-se-ia a ver por aí além, em fábricas e oficinas, aprendizes bem dispostos, operários competentes e ainda encarregados atenciosos e respeitados, tendo em cada seu subordinado um servidor fiel e amigo.

Seria o ideal, e pode ser que ainda algum dia lá cheguemos. Tenhamos esperança, e, entretanto, vamos fazendo tudo que esteja ao nosso alcance para que seja cada vez mais estreita a união entre aprendizes, operários e encarregados, a bem da indústria, que é o mesmo que dizer a bem de Portugal,

lúnia e da mentira, mas antes o mensageiro da verdade e da concórdia... Oxalá que deparemos pelo caminho que vamos seguir só bons encontros para podermos fazer de cada jornal um nosso aliado. Em nome dos que nesta trincheira deixam algo da sua boa vontade enviamos o nosso abraço muito sincero».

Por aqui é fácil descobrir o belo programa de actividades que se propõe o «Boletim Social da TEBE» e quais são os desejos daqueles que nesta trincheira labutam generosamente. «Boletim Social da TEBE» não será «o virus da intriga, da calúnia e da mentira, mas antes o mensageiro da verdade e da concórdia». Isto diz tudo e marca o programa dos que, nobremente, se dão ao apostolado de, pela imprensa, fazer luz nos espíritos. Ao novo colega, com um abraço para o seu Director, os nossos parabéns.

Também o jornal *O Barcelense* nos dirigiu as seguintes palavras amigas:

Recebemos o n.º 1 do «Boletim Social da Tebe», interessante e bem redigido mensário, propriedade do Clube Desportivo da Tebe.

O novo jornal, que se apresenta com excelente colaboração, é dirigido pelo Sr. António Baptista, inteligente poeta, tendo como Redactores os Snrs. Joaquim Rodrigues e Eduardo António e, como Editor, o Sr. João B. C. da Silva.

Com os nossos cumprimentos de boa camaradagem, desejamos-lhe longa existência e prosperidades.

A todos, os nossos agradecimentos muito sinceros.

Chegado da Suíça

Já se encontra entre nós o nosso companheiro de trabalho, Armando de Azevedo Coutinho, que esteve a valorizar a sua técnica na Suíça.

Apesar dos ensinamentos que colheu trouxe no coração as belezas paisagísticas desse país de sonho que é a Suíça.

FNAT e Excursão

A FNAT de Braga vai acompanhar-nos na excursão, levando com ela a turma dos seus artistas de maior projecção.

O presente número é de 8 páginas e foi composto e impresso na tipografia «VITÓRIA»

OS NOSSOS AMIGOS

Tem o nosso Clube recebido de todos os lados as maiores provas de carinho e amizade, e, além da Dig.^{ma} Gerência da Empresa, de quem temos recebido a mais estreita colaboração e auxílio material, não podemos deixar de registar nas colunas do nosso «Boletim» o nome dos nossos bons Amigos que nos têm distinguido também com a sua ajuda financeira, contribuindo assim para maior desenvolvimento da nossa actividade.

Para hoje pedimos licença para destacar os seguintes Senhores, para quem vão os nossos melhores agradecimentos e para quem nos colocamos incondicionalmente ao dispôr:

Senhor Felisberto Rodrigues — Mui Digno Administrador da Companhia Portuguesa de Seda Artificial, do Porto, que se dignou contribuir com um equipamento completo para o guarda-redes da nossa equipa de Hoquei, além de muitos ou-

tros auxílios que nos tem prestado. Não podemos também deixar de registar a sua simpática atitude entregando-nos a importância de cem escudos para pagamento da assinatura do nosso «Boletim».

Por tudo quanto tem feito, e pelas promessas futuras, que temos a certeza de serem cumpridas como até aqui, o nosso sincero «muito obrigado».

Snrs. Alfredo Barros & Ir-mão — Importante firma do Porto, e grandes fornecedores da TEBE em maquinismos e acessórios.

A estes nossos bons Amigos, e em especial ao Ex.^{mo} Sr. Alfredo Barros, queremos patentear a nossa indelével gratidão pela sua generosa contribuição a favor do nosso Clube, enviando-nos a importância de cinco mil escudos.

Grande ajuda para a construção do nosso ringue privativo uma das grandes, senão a maior aspiração do Clube.

São assim os nossos grandes Amigos, e para eles nos resta desejar as maiores prosperidades para a sua conceituada firma, que marca já lugar de destaque no meio industrial, aliás com todo o merecimento.

Singer Sewing Machine Company — Outra importante firma fornecedora da TEBE, que dispensa apresentação pois é soberbamente conhecida em todo o mundo.

Por intermédio do Ex.^{mo} Senhor Guerra, dignou-se a Direcção da «Singer» contribuir para o nosso Clube com a importância de dois mil e quinhentos escudos, e, por isso, aqui lhes expressamos os nossos maiores agradecimentos e a continuação das maiores prosperidades.

Ao nome destes nossos grandes Amigos outros se seguirão no próximo número, e confiamos que a lista jamais findará pois o nosso Clube conta com um Amigo em cada fornecedor da TEBE, cliente da TEBE, ou simples admirador da TEBE.

E nós precisamos do auxílio e boa vontade de todos, pois não queremos deixar morrer a nossa Obra, a obra a que nos propusemos de alma e coração. E para isso necessitamos da contribuição de todos aqueles que enfileiram no rol das nossas amizades, ajudando-nos a realizar as nossas aspirações.

A todos, pois, apresentamos, desde já, os nossos melhores agradecimentos.

A Direcção

No próximo número será criada «Tribuna Livre do Operário».

Tribuna dos de dentro

(Continuação da página 2)

nheiro de trabalho. Aproxima-se o dia do pagamento dos abonos... A. B. confere, sem perder nem fazer perder tempo. Paga sempre aos sábados. Em linha, por ordem, primeiro as mulheres, que têm os filhos à espera e depois os homens. Há, com verdade, muito bom critério na execução destes serviços.

A. Baptista, mesmo quando a vida não lhe corre como ele quer, sempre atencioso e justo cumpre o seu dever com honestidade inteligente.

Se às vezes as coisas não lhe correm a seu gosto é porque nem sempre o sabem compreender... isso é uma verdade. Tem coração... e, por vezes, sofre quando vê sofrer.

*

Se o vimos no seu aspecto profissional, vamos vê-lo também nas suas facetas intelectuais, culturais e de iniciativa. Baptista, quer escrevendo, quer revendo artigos é, sem favor, o elemento indicado para comandar o nosso «Boletim»... Os seus artigos ou versos são sempre repassados de sentimentalismo, quer sejam inspirados na história, na arte, no próprio trabalho, são escritos com perfeição, clareza e gosto. Cada peça (verso ou prosa) escrita por ele é fácil adivinhar-se, embora esconda, muitas vezes, o seu nome... Lá está bem viva a sua marca... António Baptista é um homem que escreve, trabalha e sonha... sonhou com o «Boletim» e este viu a luz da publicidade.

GEOMETRIA FUNDAMENTAL DA ARTE DE CORTAR

Por EDUARDO ANTÓNIO

Vou pela vez primeira, escrever algumas palavras relativamente à técnica da pequena e alta costura, por as julgar bastante necessárias; resultam elas de conclusões tiradas ao cabo de bastantes anos de estudo. De facto o corte é uma arte em que o profissional precisa de ter o mais amplo conhecimento; só assim se livra de grandes dificuldades.

Quando comecei a minha carreira profissional, devo dizer: fui para ela sem o mínimo conhecimento; é certo que o desenho geométrico e o de ornato ocuparam sempre bastante tempo nas minhas horas de estudo. Comecei então a minha carreira profissional criando um método a meu modo. Vi então a necessidade absoluta de estudar métodos estrangeiros, entre outros: franceses, ingleses e italianos, estes especialmente elucidativos.

Dos métodos portugueses também já os há alguma coisa desenvolvidos (a Academia Maguidal e Academia Nacional de corte). Estes igualam-se no seu desenvolvimento, se bem que, no seu tratado e base geométrica, sejam diferentes.

No entanto, devo dizer, que já são alguma coisa perfeitos no desenvolvimento desta arte—se bem que na geometria deviam ir mais além, descriptivamente. Ficarei por aqui, para no próximo artigo tornar a desenvolver este ponto.

Escala proporcional e seus resultados

Ainda gira no pensamento de toda a gente—fora do campo profissional—que só é de bom corte todo aquele que o faz por escala. Um engano fatal! Meia dúzia de réguas proporcionais, totalmente cheias de números em que parte desses, o artista de corte, decorou sem o mais leve conhecimento de geometria. Um exemplo...

«A medida base e fundamental de qualquer método por escala, na arte de cortar, é o corpo humano, que tem no tórax o perímetro de 96 c. ou seja um meio desta medida. Uma vez usada a escala, todas as proporções são feitas pela base de 48 c., quer isto dizer que o corpo humano tem de ser, rigorosamente, proporcionado à base do perímetro de 96 c. de tórax—porque se não for, a escala falhou. Falhou e tem que falhar. É inteiramente impossível aparecerem dez, cinquenta, cem, corpos humanos com 96 c. de tórax que tenham precisamente a mesma proporção.

A escala não pode de maneira alguma encontrar diversas e diferentes proporções, mas sim uma só. Como então encontrar proporções equilibradas na arte de cortar? Tudo depende de estudos do corpo humano; ter um ligeiro conhecimento de anatomia; um aperfeiçoado conhecimento geométrico, desenhar bem e também intuição para riscar e cortar.

Todas as figuras geométricas saídas da escala têm precisamente o mesmo equilíbrio (uma criança de 48 c. de perímetro de tórax a um adulto de 96 c.).

Há que ter em conta que a criança que tiver o perímetro acima mencionado tem a mesma coisa, se não mais, na parte abdominal. O contrário se verifica no adulto se tiver o perímetro de tórax de 96 c., a parte abdominal terá 80 a 82 c. A escala não prevê esta desproporção.

Há um pormenor muitíssimo importante na escala, que falha espantosamente, obrigando, quem corta, a trabalhar «tipo cálculo» e sem direcção, que vem a ser o seguinte: «um indivíduo, por exemplo; tem 96 c. de perímetro; a escala que divide essas proporções é a fita métrica; logo elas são feitas em centímetros. De 96, a 60 c., de perímetro, as proporções desta são escritas em réguas. O centímetro passa a ter a sua progressão

algébrica. Essa progressão do centímetro aumentado, não está relativa com os módulos da divisão humana; ora isto, força o artista ao trabalho chamado «tipo cálculo».

Precisamente o mesmo acontece na medida torácica, de 48 a 96 c., em que o centímetro diminuto não está em proporção com a divisão dos módulos humanos. Em cinquenta corpos humanos, de 96 c. de perímetro de tórax, um exame à largura do pescoço e à profundidade das axilas, vem confirmar o que dizemos.

No pescoço normal de 96 c., são 37 c.; a profundidade das axilas, são 24 c. Dez apresentam-nos este normal equilíbrio; vinte aparecem com o pescoço de 39, e profundidade das axilas, 25 c. Os restantes aparecem com o pescoço de 40 c. e as axilas, 27 c. Por aqui se explicam as diversas proporções—estas são as que a escala não pode de forma alguma prever. Ora, um exame perfeito a um estudo Antropométrico do corpo humano, esclarece, com a melhor regularidade, qual o equilíbrio ou desequilíbrio que as configurações proporcionam ao artista de corte.

O intuito deste estudo científico, é o de guiar a inteligência e a inclinação do jovem artista para conseguir o Belo, e a verdadeira perfeição dos modelos obtidos com a medição das formas naturais.

A anatomia escolhe uma unidade para medida, um módulo supremo aos módulos sucessivos; este módulo primordial é a medida circular do tórax que, tomada debaixo das axilas, é para o homem normal, 96 c. Essa origina sucessivamente dez módulos de 9 c. e 6 m.¹ que se distribuem horizontalmente para os dois lados. Segundo Carnicelli, o primeiro método do corte para alta costura foi publicado em Madrid por volta de 1589.

O Autor Juan de Alcega, justamente venerado pela imensa classe dos sinceros cultores dessa arte, intitulou «Geometria Prática para a Arte de Costura», a sua obra. Esse título vale por uma admoestação, pois, infelizmente, ainda existem artistas que pouca importância ligam ao estudo de Geometria.

Ora a base desse estudo e dessa prática são, sem dúvida alguma, a Anatomia, a Matemática e a Geometria.

(Continua no próximo número)

«Boletim Social da TEBE»

De toda a parte nos têm chegado aplausos pela fundação do nosso «Boletim». Bem hajam pois todos que nos compreenderam.

Honrosa Visita

EM serviço de inspecção aos árbitros da Comissão Regional de Braga, feita a pedido da nossa Associação de Patinagem, esteve presente ao jogo que no passado dia 20 do corrente disputamos com o Vianense o Ex.^{mo} Senhor Presidente da Comissão Central de Arbitros, de Lisboa.

O ilustre desportista, que teve palavras de grande apreço para o nosso modesto Clube, reuniu-se no dia seguinte com as Direcções dos clubes locais com quem tratou de assuntos de grande interesse para a modalidade.

Nessa altura, foi-lhe oferecido um distintivo do nosso Clube, oferta que muito lhe agradou, até porque, segundo sua afirmação, é dos mais lindos distintivos que lhe tem sido dado conhecer.

Que aquele grande desportista continue por largo tempo no elevado cargo que tão inteligentemente exerce, e que nos dê a honra e o prazer de uma nova visita dentro do mais curto prazo, são os votos do Clube Desportivo da TEBE.

Traços da física, da química e das ciências naturais

Pelo Dr. A. R. (Biblioteca do Povo)

Moviment:—é o estado de um corpo que muda constantemente de posição no espaço. O estado de um corpo que não muda de posição, chama-se repouso.

Tanto o primeiro como o segundo podem ser absolutos e relativos. Deixemos, para já, de nos referir, em pormenor, sobre um e outro para dizermos em traços gerais as considerações mais substanciais.

Absolutos: quando tais estados se consideram em referência a pontos fixos no espaço.

Relativos (ou aparentes): quando os pontos de referência se movem. Como na natureza não há pontos de referência absolutamente fixos, não existem o movimento e o repouso absolutos.

A linha recta ou curva, que unir as diferentes situações que o corpo em movimento ocupar ou descrever, chama-se trajectória, que poderá ser rectilínea (no movimento rectilíneo) ou curvilínea (no movimento curvilíneo). Os no-

mes diferentes da trajectória no movimento curvilíneo, dão nome a esta espécie de movimento; se a trajectória for círculo, parábola, elipse, etc., o movimento dir-se-á circular, parabólico, elíptico, etc.

Deixemos o movimento uniforme e suas leis, deixemos, igualmente as leis do movimento rectilíneo uniformemente variado.

(O movimento do parafuso dentro de uma porca fixa, movimento pelo qual cada ponto descreve uma hélice, chama-se helicoidal).

DAS FORÇAS

Força:—é tudo que produz ou altera movimento. Quanto à sua duração as forças podem ser: instantâneas e contínuas.

As primeiras actuam nos corpos durante um instante: as segundas, durante instantes sucessivos. As primeiras dão origem aos movimentos uniformes; as segundas aos movimentos variados. As forças contínuas dizem-se constantes, quando conservam sempre a mesma direcção e intensidade; variáveis no caso contrário.

(Continua no próximo número)

Boletim do Boavista

Em permuta com o nosso «Boletim» recebemos o do Boavista, com o n.º 6, de 15 de Setembro/55. Este quinzenário de que é director o Sr. Dr. Durval Carteador Mena tem boa apresentação gráfica e óptima colaboração. Ao colega e amigo enviamos as nossas saudações muito sinceras.

E o n.º 7 referiu-se ao nosso «Boletim» nos seguintes termos:

«Recebemos o n.º 1 do Boletim Social do Clube Desportivo da Tebe que além da excelente apresentação gráfica, insere escolhida colaboração. Ao simpático colega desejamos vida prestante e longa».

Por falta de espaço deixamos de publicar diverso original, do que pedimos desculpa.

O nosso «Boletim»

Graças a Deus que o nosso «Boletim» mereceu da parte do público os mais sinceros aplausos e elogios comentários. O nosso «Boletim», escrito por trabalhadores para ser lido por trabalhadores, veio, de certo modo, preencher uma lacuna e realizar uma legítima ambição—embora encontrássemos sempre as maiores dificuldades.

Hoje, porém, o nosso sonho transformou-se em realidade e mereceu os encômios incondicionais do grande público.

Apesar dos desânimos de alguns, das fraquezas de outros, o «Boletim» há-de ser e será, para bem da colectividade, uma esperança no futuro. Os patrões, num irresistível movimento de solidariedade deram-nos o apoio moral e só esse quere nos basta para podermos afirmar:

O nosso «Boletim» já está na alma de todos, porque ele engloba a alma da Empresa.

Parece que chegamos a um período áureo e único na história, em que temos de caminhar, lado a lado, com os olhos postos em Deus, operários e patrões... e só assim, intimamente unidos, poderemos produzir o máximo de energia, que é, como dizer o máximo da grandeza. É pois necessário que haja um ambiente de mútuo carinho e de solidariedade inteligentes. Só desta maneira Portugal continuará a ser uma grande e próspera Nação.

A. B.

CORRIGENDA

Na página «Traços Literários» onde se lê Manuel Maria Barbosa ou Bocage deve ler-se Manuel Maria Barbosa du Bocage.

PÁGINA FEMININA



Barcos na doca de João Barata

MAR PORTUGUÊS

O mar... o vasto oceano... ditou-nos a lei das descobertas. O Brasil e a Índia e o mundo que nos pertence foram traçados nas salsas ondas do oceano. Nascemos marinheiros... e o mar, clareira do destino, convida-nos e chama-nos...

O mar saído, quanto do teu sol
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valem a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bójador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

FERNANDO PESSOA

Distribuição de agasalhos

Os jornais diários falaram com regosijo na oferta do Governo Português, de milhares de peças de vestuário para as crianças das nossas escolas primárias.

Portugal está empenhado na mais nobre cruzada: o extermínio completo do analfabetismo. Mas para obrigar a cumprir a lei que tal determina, o Governo apercebeu-se de certas razões humanas, que muitas vezes afastavam as crianças da escola e entre elas estava em primeiro lugar: a pobreza.

Quantas vezes os pais não mandavam os filhos à escola, porque não tinham roupa para que eles pudessem todos os dias ir, pelo menos limpos, e, esta circunstância, no Inverno tomava um aspecto grave e sem solução.

Procurou-se remediar alguns destes males e assim o Subsecretário de Estado da Educação Nacional tem dado o maior desenvolvimento às Caixas Escolares e às Cantinas que resolvem alguns destes problemas, mas numa escala reduzida pois as posses são sempre muito restritas também.

Com a distribuição destas roupas porém o Ministério da Educação Nacional, generosamente dá a mão, aos mais pobrezinhos e com carinho ajuda-os a subir os degraus da escola, onde hão-de aprender a dar os primeiros passos para uma vida de trabalho honesto.

Ao começar o novo ano lectivo não mais será permitido ver pelas ruas a pedir ou a brincar, crianças em idade escolar, e que, nenhuma razão poderão invocar para se eximirem ao cumprimento obrigatório da lei, que os manda aprender a luz para serem homens úteis à Pátria, à sociedade, à família e a si próprios.

Compete às mães sobretudo mandar os seus filhos à escola, todos os dias, mas às mães compete também mandá-los decentemente lavados e limpos e não como muitas vezes vão, tão sujos que até aos professores causa repugnância aproximarem-se de certas crianças.

Não há direito que por vezes haja tanto desmazelo, de que as mães são afinal as culpadas.

Compete às mães também ter o interesse e o cuidado em que os filhos levem para os seus trabalhos escolares o que lhes é necessário e que o levem em ordem.

Só assim as famílias corresponderão ao interesse que o País tem pelos seus filhos.

As gravuras que inserimos nesta página foram-nos gentilmente cedidas pela importante Firma Simão Guimarães, Filhos. Mais uma vez os nossos agradecimentos.

Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

A próxima excursão à Beira Alta será acompanhada com uma embaixada de arte, da qual farão parte os elementos mais representativos da FNAT do distrito de Braga. Vamos todos conhecer Portugal... Vamos todos conhece-lo o melhor que pudermos.

Rainha Santa Isabel

Todas conheceis esta alta figura de rainha que a Pátria consagrou e a Igreja elevou ao altar.

D. Isabel de Aragão, era a esposa de El-Rei D. Dinis, esse rei trovador, um dos poetas mais ternos e o mais genuinamente português no sentir, numa época de tão confusos e fracos ainda, sentimentos de nacionalismo.

A Lenda do milagre das rosas, todos a sabem contar, mas maior que o milagre de transformar pão em flores, foi muitas vezes o milagre de transformar a guerra em paz, a desarmonia em concórdia, as lágrimas de desespero em sorrisos de esperança.

A Rainha Santa Isabel foi mulher de raras virtudes, esposa exemplar e, como tal, mãe extremosa. Sofria com os pesados encargos do Rei e era, a seu lado, o conselheiro mais leal.

D. Dinis queria que o povo não tivesse fome, mas que arrancasse à terra sustento com o trabalho. Não desejava um reino de mandriões famintos, mas antes lavradores e artifices que contribuíssem para o desenvolvi-

mento da jovem Pátria, cujas fronteiras definitivas só no reinado anterior haviam ficado consolidadas.

Portugal estava cansado de lutas e esgotados os seus recursos, mas vastos campos conquistados aos mouros se estendiam incultos.

Era preciso desbravar essa terra tão enopada de heróico sangue luso.

O Rei, autoritário, por todos os meios possíveis e próprios daquela época, obrigava o povo a trabalhar; a Rainha, bondosa, rezava e a todos socorria com a sua esmola ou com o seu carinho.

Após a morte de D. Dinis recolheu Santa Isabel ao Convento de S.ta Clara e, ali passou os últimos anos da vida, entregue inteiramente ao Serviço de Deus.

A sua lembrança ficou para sempre gravada no coração do povo português que depois da sua morte logo a invocava como Santa, muito antes ainda de a Igreja a canonizar.

Manuela

Sem a mulher, o homem seria rude, grosseiro, solitário, e ignoraria a graça, que não é senão o sorriso do amor.

A mulher suspende em torno dela as flores da vida, como as lianas das florestas, que adornam os troncos dos carvalhos com as suas grinaldas afortunadas.

Chateaubriand

O FADO

A mulher portuguesa na alegria e na amargura desdobra a sua alma e canta... e o seu canto é Portugal a falar... é a alma lusíada, é a raça que vive e sonha, canta e pensa, soluça e reza...



Óleo de Portela Júnior

e no manto da saudade rasga aos bordões duma guitarra canções que a alma ditou...

Quem canta seu mal espanta...
Mentira... deixem falar!

Quem sofre, sempre que canta,
Não canta — chora a cantar!

SILVA TAVARES

PÁGINA DESPORTIVA

Dirigida por JOSÉ PIRES BIGOTE

O Oquei do mês

NUMA subida de forma digna de registo, continua o nosso Clube a registar vitórias consecutivas o que é para todos nós motivo de orgulho. Aqui fica desde já o nosso reconhecimento aos atletas, que com o seu esforço e vontade o conseguiram.

No dia 6 o Famalicense Atlético Clube veio perder a Barcelos por 3-2 num jogo bem disputado por ambas as partes e em que há a destacar as excelentes arbitragens de dois candidatos a árbitros da C. R. A. do Minho.

No dia 13 defrontamos a equipa do Desportivo da Póvoa que alinhou com Baptista, Costa, Ferreira e Rodrigues.

Vencemos por 8-1, golos marcados por Querido e Carvalho.

Alinhámos com Sebastião, Pedras, Querido, Carvalho, Pombo e Cibrão.

Arbitragem regular.

*

O jogo de maior expectativa foi sem dúvida aquele que disputamos com o Vianense, campeão indiscutível desta época.

Pela toada do início viu-se imediatamente que fomos assistir a uma boa partida. Aos 2 e 3 minutos da 1.ª parte Carvalho e Querido marcam as duas primeiras bolas.

O Vianense marca aos 6 minutos a sua primeira bola por Natário.

O jogo continua equilibrado e o Vianense consolida mais a sua posição com a marcação de 3 tentos aos 14, 16 e 17 minutos por Alfrío, Passos Viana e Torres, respectivamente. Termina assim a primeira parte com o Vianense a vencer por 4-2.

Na segunda parte Carvalho ao 1.º minuto marca um bom golo e depois Passos Viana aos 4 minutos na marcação de uma grande penalidade que não existiu faz a 5.ª bola do seu grupo. Aos 12 minutos, Torres põe o marcador em 6-3 que foi o resultado final.

As equipas alinharam: Vianense — Peres, Pedro, Passos Viana, Natário, Torres e Alfrío. TEBE: Sebastião, Pedras, Querido, Pombo, Carvalho e Abílio a sexto.

Arbitrou o Sr. Mário Vaz.

Foi um verdadeiro jogo de campeonato que o nosso Clube perdeu contra um adversário de grande valor. Se não fora a marcação de uma grande penalidade que não existiu e de que resultou o 5.º golo e uma grande penalidade que não foi assinalada talvez o final do jogo fosse diferente. Mas o árbitro Sr. Mário Vaz assim o quis, todavia para nós resta-nos a consoladora certeza que perdendo não nos inferiorizamos, antes pelo contrário vendemos cara a derrota. A nossa equipa continua em boa forma.

BIG

Alguns Pensamentos

O trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade. — *Voltaire*.

*

O trabalho dá alegria por fora e serenidade por dentro. — *Dupauloup*.

INDIFERENÇA

Todas as iniciativas em embrião necessitam, para atingir os fins em vista e melhor se consolidarem, do esforço daqueles que as fazem nascer e do apoio moral das instituições que melhor as podem tornar conhecidas do grande público.

Nasceu em Barcelos uma modalidade que bem querida é dos portugueses amantes do desporto nacional, pois é sem dúvida uma das que mais têm elevado o nosso prestígio desportivo no Mundo. Referimo-nos como será de calcular ao oquei em patins.

Em curto espaço de tempo aparecem três Clubes, e numa manifestação de iniciativa e de vontade vão lentamente escalando essa montanha de dificuldades, que representa a fundação e filiação, para finalmente entrarem no Campeonato Regional da modalidade, auxiliados, é certo, por muitos e bons amigos.

Não seria de esperar que nesta altura a Imprensa local e os correspondentes dos jornais diários e desportivos, que a outras modalidades já consagradas nunca deixaram de auxiliar, guardassem para o oquei em patins barcelense uma pequena parcela das suas páginas desportivas?

Mas não aconteceu assim infelizmente, e o oquei é votado a um abandono confrangedor de que os Clubes sem dúvida se ressentem, pois o público cada vez mais se desinteressa duma modalidade que era digna de melhor auxílio.

Desculpem os colegas locais este reparo, mas a indiferença injustificável a que fomos votados chocou-nos profundamente.

PIRES BIGOTE

FUTEBOL

Gil Vicente - S. C. Salgueiros

No passado dia 13 no Campo Adelino Ribeiro Novo perante regular assistência e sob a arbitragem de Eduardo Peixinho, de Aveiro, realizou-se este encontro que acabou com os grupos empatados a três bolas.

Pelo Gil alinharam: Pêlo, Pontes, Joaquim; Fonseca da Silva, Eduardo e Nôlito; Maciel, Arantes, Gelucho, Alcino e Nova.

O Gil Vicente alinhou sem o guarda-titular, por se encontrar doente, faltando também Franklín na linha de ataque.

A arbitragem foi muito irregular.

— No domingo 20, o Gil Vicente deslocou-se a S. João da Madeira, que apesar de ter feito uma excelente exibição, perdeu por 2-1.

PE EFE

DENTRO E FORA DO RINQUE

Campeonato R. do Minho

COMO se está a provar foi um erro a realização do Campeonato Regional nos moldes em que está a decorrer.

A quando do sorteio, e como delegado dum dos clubes inscritos na prova, fiz ver os inconvenientes de ser disputado numa série de dez Clubes; tanto a receita nula como a duração do torneio (quatro meses e meio), teriam de produzir os seus efeitos nos Clubes pobres e dentro duma pobre modalidade. O facto destes não terem reservas que possam substituir as primeiras categorias, obriga os atletas a terem todos os Domingos de Julho a Novembro ocupados.

Isto é sem dúvida duro de suportar e os resultados estão à vista: O Oquei Clube de Barcelos abandona a prova por falta de jogadores (e de fundos); o Gil Vicente segue-lhe a pegada; o Sporting de Braga também desiste por falta de atletas, o mesmo acontecendo com o Desp. da Póvoa. Não teria sido melhor o campeonato disputado em duas séries de 5 Clubes, e um apuramento final idêntico ao do último Campeonato do Mundo em Genebra?

O que se está a passar é um aviso para que a Associação de Patinagem do Minho estude no próximo ano, com a devida atenção, tão importante problema.

O Problema das Arbitragens

Continua em foco o magno problema das arbitragens que longe de melhorarem em técnica e autoridade acusam presentemente um nível bastante baixo.

Em face disto e porque alguns árbitros deixaram de prestar serviços na Comissão Regional de Árbitros do Minho, na altura em que esta entidade mais precisava deles, resolveu recrutar entre os dirigentes dos Clubes candidatos a árbitros a fim de serem utilizados como árbitros de recurso.

Apoiamos tal ideia, verificando até que num dos últimos jogos realizados em Barcelos, e porque o árbitro faltou, as duas pessoas escolhidas para o substituir fizeram uma arbitragem impecável.

Que este problema se solucione rapidamente são os nossos desejos.

Golpe Livre

Conversa Fiada!...

Fala-se que o material e jogadores do Gil Vicente passam para o Oquei Clube de Barcelos.

*

Que este Clube passaria a ser uma filial do Gil Vicente logo que recebesse o material.

*

Que dentro em breve a sede do Clube Desportivo da TEBE será uma realidade.

*

Que os corpos directivos da Associação de Patinagem do Minho dão uma entrevista à Imprensa.

*

Que Fernando Nunes, que já alinhou pelo Oquei Clube de Barcelos, não se importaria de voltar.

CURIOSIDADES

Dirigidas por JOAQUIM RODRIGUES

?

Sabe quanto renderam a Truman as suas «Memórias»? Nada menos nada mais de 600.000 dólares, ou seja, em escudos a bonita soma de 17 mil contos.

Um pensamento como há muitos

Um homem pode agradar e sorrir e não passar dum facinora.

Joubert

Os E. U. vão ter brevemente ao seu serviço dois submarinos atômicos.

Os tecidos de linho tiveram a sua origem no Egipto.

Os veludos foram manufacturados no ano de 1536 em Lion. Até ao séc. XVI os veludos eram só utilizados nas vestes reais.

Pensamentos rebuscados nos anais das bibliotecas

O burro é um cavalo visto ao retardador.



Na vida duma videira há sempre uma uva que «passa».



A abundância da couve-galega é a prova mais provada da aproximação luso-espanhola.

Na visita a uma fábrica de malhas

— Porque te demoras tanto junto da caldeira? Vem, daí, para outro salão!...

— Não, não; deixa-me estar aqui. É a única coisa que minha mulher me não pede para comprar.

Numa casa de modas

— Que deseja V. Ex.^a?
— Gostava de provar aquele vestido cor de rosa que está na montra...

— Peço perdão, minha senhora, mas aquilo... é um abat-jour!...

Na América do Norte

A sua filha gosta dos Estados Unidos? Perguntaram a uma refugiada.

— Gosta, sim! respondeu com satisfação. — Ela casou com um americano: ele ajuda na casa, lava os pratos, cuida do bebé quando ela quer sair, faz tudo por ela!

— E o seu filho, como vai?
— Ah! o pobre rapaz vai muito mal, continuou a refugiada. — Ele casou com uma americana: tem que ajudar na casa, lavar os pratos, cuidar do bebé quando ela quer sair. Coitado do meu filho, tem de fazer tudo por ela!

Desastre particular

O operário: Eu casei-me, há pouco tempo, e vinha pedir ao Snr. se me aumentava o salário.

O patrão: Sinto muito, meu amigo, mas só sou responsável pelos desastres que acontecem no trabalho.

Num consultório

— Seu marido — diz o médico — tem cálculos no fígado.

— Não admira. Ele é todo matemático...

Em toda a sua santa vida nunca fez outra coisa senão cálculos.

Grupo coral da TEBE

Sob a regência do nosso colaborador, Snr. Eduardo António, o grupo coral da TEBE voltou a ensaiar. Oxalá que o orfeão seja uma realidade para acompanhar a próxima excursão às terras da Beira Alta.

PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANÚNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

O CAFÉ DA CASA DO CAFÉ

tem um aroma delicioso... Este café cheira ao longe

Esta é autêntica embora se passasse na Suíça

Um indivíduo alto, de olhar terno e meigo, partiu para a Suíça e com ele um mundo de confusão, de ilusão, na ânsia desmedida de ver as Suíças... mas elas viam... olhavam e só uma que não era Suíça, mas sim brasileira, se baianou em volta dele.

Falaram do Brasil, principalmente do Rio de Janeiro e o nosso protagonista desfibrou matéria prima que chegava para casa duma família...

Entre muitas verdades, o nosso amigo, disse assim:

Cheguei há pouco do Rio e como está lindo o Rio... etc. Ela, a tontinha, com voz à Carmen Miranda, virou-se para papai e mamãe, exclamando: Que prazer eu sinto em falar mesmo com um patricio actualizado.

VILAS BOAS & IRMÃO

Um nome ao serviço de V. Ex.^a

Em frente ao B. N. U. — BARCELOS

A nossa publicidade é feita pelo sistema americano... tem um cunho inconfundível... O tempo... e só este, vos revelará o nosso segredo... O homem inteligente tem de acompanhar a evolução do seu tempo... O nosso «Boletim» é da era das grandes velocidades... Anuncie no nosso «Boletim» e saberá ser inteligente.

OURIVESARIA DA PÓVOA

DE — ALFREDO PINTO LOMBA

Uma casa de bons preços ao serviço do bom gosto

TEBE... Um nome que Portugal inteiro conhece.
As Malhas TEBE, inspiradas por génios criadores, têm um corte inconfundível, só bem apreciados pela mulher inteligente... Portanto as Portuguesas preferem-nas, as estrangeiras adoram-nas... Elas marcham na vanguarda, porque são feitas com as melhores matérias primas... O segredo das coisas grandes está na honestidade do bom fabrico...

TEBE, quatro letras que definem um mundo de maravilha

TIPOGRAFIA «VITÓRIA»

A tipografia do bom gosto ao serviço da perfeição

Se sofre de algum eczema rebelde... experimente a maravilha dos tópicos.

SAMETIL

Um nome que Portugal inteiro conhece.

Alfredo Barros & Irmão

Uma casa importadora de MÁQUINAS ao serviço da indústria nacional.

MABOR... MABOR... MABOR...

Um nome grande a rolar por todo o nosso Portugal.

MABOR

é sinónimo de robustez...

MABOR

rola sempre... levando mais longe a sua fama...

Traços Literários

Dirigidos por António Baptista

Breves apontamentos de Eça de Queirós

Por ANTÓNIO BAPTISTA

O nosso grande escritor, José Maria Eça de Queirós, nasceu na Póvoa de Varzim em 1845. Estudou na cidade doutora, tendo como companheiro e amigo o grande poeta filósofo Antero do Quental.

Depois de formado em direito pela U. C. mudou para Lisboa, onde abriu banca de advogado, dedicando-se mais e principalmente a escrever para as gazetas. Os seus folhetins foram depois reunidos sob a designação de «Prosas Bárbaras».

Visitou o Egipto e a Palestina, tendo esta viagem grande influência na sua carreira literária. Eça tem na sua obra um mundo de crítica social. Este escritor soube, como poucos, definir os personagens dos seus romances, pondo a nú os seus caracteres, tendo como preocupação a crítica e a censura à sociedade do seu tempo.

Como a sua tendência intelectual-literária era votada à ironia, os personagens das suas obras são autênticas caricaturas, onde perpassa o sarcasmo mordaz, principalmente contra os políticos, que ele pinta com escárnio e chacota. Eça tem, por vezes, na chama do seu talento, frases e pensamentos, que fustigam, que cauterizam...

O «Crime do Padre Amaro», tem análises, por vezes tão rudes e brutais, que nos ferem a sensibilidade... há, de certo modo, uma profanação pelas coisas sagradas, atacando brutalmente o catolicismo. Mas, se analisarmos a sua obra, no seu estilo límpido e novo, temos de nos confessar vencidos ante tanta perfeição e beleza.

Eça, ontem como hoje, foi e será sempre um estilista da nossa língua e há-de ser lido e discutido enquanto no mundo for falada a língua de Camões.

Poderíamos fazer, embora despretenciosamente, a síntese da obra de Eça; mas para isso não nos bastaria o espaço que nos é dado para escrever sobre estes assuntos.

Dos livros de mais nomeada de Eça de Queirós vamos citar os principais: «O Crime do Padre Amaro», «O Primo Basílio», «O Mandarim», «Os Maias», «A Relíquia», «Correspondência de Fradique Mendes», «A Cidade e as Serras», «A Ilustre Casa de Ramires», «Prosas Bárbaras», «Contos», e «A Capital», etc. Vê-se através de toda uma obra gigantesca que o prosador tem a preocupação do pormenor, do realismo nas suas meadas mais

Bocage

TALVEZ o nome de nenhum poeta português seja tão conhecido do povo como BOCAGE, mas, se é tão vulgar e tão grande a sua fama, poucos conhecem realmente o seu verdadeiro talento.

Bocage é mais conhecido pelos seus desregramentos, pelo seu repentismo e pelas anedotas, mais ou menos escabrosas, do que, propriamente, pelo génio incomparável de poeta sem par.

Manuel Maria Barbosa ou Bocage nasceu em Setúbal em 1765.

Aos 15 anos alistou-se num regimento e mais tarde inscreveu-se como aluno da Academia Real da Marinha, em Lisboa.

Aos vinte e um anos foi para a Índia e, tempos depois, para Macau, donde, finalmente, voltou a Portugal.

Aqui dispersou os melhores anos da sua vida por botiquins e tabernas em orgias constantes.

Depois da publicação da «Pavorosa Ilusão da Eternidade» foi encarcerado no Limoeiro.

Abertas as portas da prisão, devido a numerosas boas influências, entrou no Mosteiro de S. Bento da Saúde e depois no de S. Filipe de Neri. A convivência com os frades amigos regenerou-o. Então, Bocage, dedicou-se ao trabalho e, sinceramente se arrependeu da vida passada, escrevendo, nessa altura, alguns dos seus mais belos sonetos. São numerosas as suas obras e variadas. Os versos de Bocage têm emoção verdadeira e personalidade característica.

Bocage foi o maior poeta lírico do séc. XVIII e um dos maiores, sem dúvida, de toda a literatura portuguesa. Bocage morreu aos 40 anos, em 1815.

*Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana:*

*De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem dana...*

*Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos:*

*Deus, oh Deus!... Quando a morte a luz me roube
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.*

complexas, onde perpassam ondas de sensualismo luxuriante, pondo a nú o homem nas suas mais abjectas degradações.

Eça faz correr os seus personagens ao longo de paralelas circundadas de angústias, torpezas e luxúrias. Há, por vezes, na maravilha da sua obra, um negativismo assustador, donde se destaca mais e sempre o negro «das consciências depravadas». Na «Relíquia», nos «Maias», no «Primo Basílio», na «Cidade e as Serras», perpassa a beleza dum estilo, que perdurará para sempre na nossa literatura lusa.

Mas se Eça foi um grande romancista, foi sobretudo e principalmente um iluminado contista. Os seus contos são retalhos

maravilhosos e inconfundíveis na beleza da sua obra, pela robustez da ideia e do estilo.

A «Cidade e as Serras», obra póstuma, é talvez o livro mais assombroso de toda a obra queirosiana, porque mostra com certa gravidade e poder construtivo o vácuo da vida em que «O Homem pensa ter na cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria».

Enfim, Eça de Queirós legou a Portugal uma obra que perdurará para todo o sempre.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Debruçado sobre o Evangelho

DEBRUÇADO SOBRE O EVANGELHO é um livro feito com a alma dum poeta e o pensamento dum filósofo. Simples na contextura da forma, acessível no equilíbrio da ideia é, sem dúvida, uma obra de hoje e de amanhã. Digo, com certeza, que é uma obra de amanhã, porque toda ela tem a chama sagrada dum crente que se abre, mostrando-nos, com elevação, a essência do evangelho, numa mensagem de fé e sinceramente humana.

O Padre Alberto da Rocha Martins deixa antever, nas linhas do seu livro, todo um mundo de fé, escrito com a singeleza poética dum homem que sente, dum homem que vibra... dum homem para quem as coisas sagradas ocupam lugar de relevo.

É certo que para falarmos duma obra é necessário, também, conhecermos a causa geradora dessa obra. No caso presente, a causa, parece-nos só uma:

— Legar à sociedade uma mensagem de fé, de verdade... e de poesia. *Debruçado sobre o Evangelho* é um livro dum crente, que se debruçou angustiado sobre os temas sagrados dos evangelhos e deles soube extrair matéria, fazendo uma análise delicada e, ao mesmo tempo, entrelaçada com boa dialéctica.

Ao escritor e ao poeta enviamos, sinceramente, as nossas saudações fazendo votos para continuar a deliciar-nos com escritos desta projecção.

A. B.

Abono de Família

O Livro «Abono de Família» do Senhor Dr. Mário Norton tem a riqueza dos detalhes específicos e mostra, com clareza e precisão, a contextura da legislação que guia e orienta todos os que têm necessidade de estudar e consultar assuntos relacionados ao abono de família.

Como a matéria é vasta, o Sr. Doutor Mário Norton, teve a preocupação de a tornar acessível, de molde que publicou por ordem numérica os despachos do Ministério das Finanças, e os despachos do Subsecretário das Corporações e Previdência Social por ordem de datas. Diz-nos, o Sr. Doutor Mário Norton, na introdução da sua obra:

«A necessidade, por nós verificada, de se coligir num só compêndio tudo que de leis, regulamentos, e despachos está feito em Portugal sobre o regime de abono de família, levou-nos a este trabalho na certeza que seria prático e útil para todos que se interessam pela matéria».

E o Sr. Dr. Mário Norton termina assim:

«Aos que adquiram o meu livro e queiram continuar em dia com o regime de abono de família, quanto a leis e despachos que posteriormente venham a ser publicados, desde já anuncia que distribuirá de harmonia com os pedidos e logo que a matéria

(Continua na página 9)